

## Textos de Alcuíno de York: probleminhas de Matemática, advinhas e diálogo mestre-aluno no ano 800

**Resumo:** Alcuíno de York (735-804) foi o mais prestigioso intelectual de seu tempo. A convite de Carlos Magno foi o principal educador do Império. A coleção de problemas de matemática e de pensamento lógico “para aguçar a inteligência dos jovens”, *Propositiones ad acuendos juvenes* é frequentemente atribuída a ele. Seu *Diálogo* com o aluno Pepino é um precioso texto pedagógico.

**Palavras-Chave:** Alcuíno. Educação medieval education. Ensino de matemática medieval.

**Abstract:** Alcuin of York (735-804) was the most important scholar at his time. At the invitation of Charlemagne, he became a leading scholar and teacher at the Carolingian court. The collection of mathematical and logical word problems entitled *Propositiones ad acuendos juvenes* ("Problems to Sharpen Youths") is often attributed to him. The Dialogue of Pepin with the Teacher Alcuin is a precious pedagogical text.

**Key-words:** Alcuin. mediaeval education. mediaeval mathematics teaching.

### Problemas para aguçar a inteligência dos jovens<sup>1</sup>

Alcuíno de York  
(trad. e notas - Jean Lauand)

#### Nota introdutória

A queixa que frequentemente se ouve, hoje, contra o ensino de matemática elementar é a de que é pesado, árido, carente de motivação etc. Bem diferente, como se verá, são os problemas das escolas da Primeira Idade Média – atribuídos aos grandes mestres Alcuíno e Beda o Venerável. A pouca matemática que se conhece na época é ensinada de modo vivo, prático, atraente e bem-humorado.

Entre os fins desse ensino está, além da utilidade prática, o desenvolvimento da inteligência dos alunos ("*ad acuendos juvenes*"). E, assim, inclui-se, numa lista de problemas de aritmética, a questão sobre a relação de parentesco que há entre filhos de homens que casam um com a mãe do outro (problema 6), ou como transportar incólumes de uma a outra margem de um rio, um lobo, uma cabra e uma couve (este conhecido problema é já milenar!).



<https://illuminations.nctm.org/BrainTeasers.aspx?id=4992>

<sup>1</sup> Título orig.: *Propositiones ad acuendos juvenes* PL 90, 667 e ss. E também em PL, 101, 1143-1160, atribuídos respectivamente a Beda e a Alcuíno.

Ensina-se de modo prático e divertido: apresentando os problemas em forma de montagens aritméticas para adivinhar um número pensado por outra pessoa, de historietas ("Dois homens andando viram cegonhas...", "Numa escada de 100 degraus, no 1º há uma pomba; no 2º, duas,..." etc.). Às vezes com resultados surpreendentes ou desfechos inesperados.

Não se conheciam incógnitas nem equações, de tal modo que o aluno é levado a uma resolução que ele mesmo obtém e testa (veja-se, por exemplo, o comentário ao problema 9).

Se do ponto de vista científico a época estava muito atrasada, seu senso de humor, pelo contrário, é avançadíssimo: observe-se, por exemplo, a resposta ao problema 3, bem como tantos e tantos textos medievais onde impera o popular, o riso, o informal.

## Problemas do ano 800

1. Problema da lesma. Uma lesma foi convidada por uma andorinha para um almoço, em local a uma légua de distância. A lesma só anda uma onça ( $1/12$ ) de pé por dia. Diga, quem quiser, quantos anos ou dias andou a lesma para chegar ao almoço?

R.: Uma légua são 1.500 passos e, portanto, 7.500 pés ou 90.000 onças. Levou, portanto, 90.000 dias, isto é, 246 anos e 210 dias.

2. Problema do lobo, da cabra e da couve. Certo homem devia passar, de uma a outra margem de um rio, um lobo, uma cabra e um maço de couves. E não pôde encontrar outra embarcação, a não ser uma que só comportava dois entes de cada vez, e ele tinha recebido ordens de transportar ileso toda a carga. Diga, quem puder, como fez ele a travessia?

R.: Primeiramente, ele leva a cabra, deixando o lobo e a couve. Depois volta e retorna com o lobo. Deixa o lobo, toma a cabra e volta com ela; deixa a cabra e leva a couve. Volta remando, toma a cabra e a atravessa. E assim será feita uma travessia incólume, sem que nada seja devorado.

3. Problema do boi. Um boi que está arando todo o dia, quantas pegadas deixa ao fazer o último sulco?

R.: Nenhuma, em absoluto. Pois o boi precede o arado e o arado segue o boi. E, assim, todas as pegadas que o boi faz na terra trabalhada, o arado as apaga. E, deste modo, não se encontrará, ao final, nenhuma pegada.

4. Problema do rei e de seu exército, arregimentado em 30 localidades. Certo rei ordenou a um seu servo que convocasse exército em 30 localidades. De modo tal que, em cada localidade, arregimentasse tantos homens quantos para lá tivesse levado. Assim, na 1ª localidade chegou o servo sozinho e, portanto, recrutou 1 homem; à 2ª, chegaram 2 (o servo e o 1º recruta) e, portanto, recrutaram outros 2; na 3ª, 4; e assim por diante. Diga, quem puder, quantos homens foram arregimentados?

R.: Após passar pela localidade 1, o número de soldados era 2.

Localidade	Soldados
1	2
2	4
3	8
.	.
.	.
30	1.073.741.824

5. Problema dos dois caminhantes que viram cegonhas. Dois homens, andando pelo caminho, viram cegonhas e disseram entre si: – Quantas são? E, contando-as, disseram: Se fossem outras tantas, e ainda outras tantas; e, se se somasse metade de um terço do que deu e ainda se acrescentasse mais duas, seriam 100. Diga, quem puder, quantas cegonhas foram vistas por eles inicialmente?

R.: 28. Pois, 28 com 28 e 28, dá 84. Metade de um terço, 14 que, somado com 84, dá 98. 98, acrescido de 2, resulta 100.

6. Problema dos dois homens que casam um com a mãe do outro. Se dois homens casam um com a mãe do outro, que relação de parentesco haverá entre seus filhos? [Este engenhoso problema carece de resposta no texto original].

7. Problema de escada de 100 degraus. Numa escada de 100 degraus, no 1º degrau está pousada 1 pomba; no 2º, 2; no 3º, 3; no 4º, 4; no 5º, 5; e, assim, em todos os degraus, até o 100º. Diga, quem puder, quantas pombas há no total?

R. (em Pseudo-Alcuíno): Calcule-se assim: tome a pomba do 1º. degrau e some-a às 99 do 99º, o que dá 100. Do mesmo modo, as do 2º com as do 98º, somam 100. E assim degrau por degrau, juntando sempre um de cima com o correspondente de baixo, obter-se-á sempre 100. Some-se o total, junto com as 50 do 50º degrau e as 100 do 100º degrau (que tinham ficado de fora) e obter-se-á 5.050.

8. Problema do disco. Um disco pesa 30 libras, ou seja, 360 onças, ou, o que é equivalente, 600 sólidos. E é feito de ouro, prata, auricalco e estanho. O que tem de ouro, três vezes tem de prata; o que tem de prata, três vezes de auricalco; o que tem de auricalco, três vezes tem de estanho. Quanto tem de cada metal?

R.: O ouro pesa 9 onças; a prata, 3 vezes 9 onças, isto é, 2 libras e 3 onças. O auricalco pesa o triplo da prata, isto é, 6 libras e 9 onças; e, finalmente o estanho, 20 libras e 3 onças. E, efetivamente, essa soma dá 30 libras (... seguem-se as contas para a unidade sólidos).

9. Problema do comprador. Disse certo negociante: Quero, com 100 denários, comprar 100 suínos. Mas, cada porco custa 10 denários; cada leitoa, 5 e cada par de porquinhos, 1 denário. Diga, quem entendeu, quantos porcos, leitoas e porquinhos devem ser comprados para que o preço seja exatamente 100 denários, nem mais nem menos?

R.: 9 leitoas e 1 porco custam 55 denários; 80 porquinhos, 40. Já temos 90 suínos por 95 denários. Com os restantes 5 denários compram-se 10 porquinhos.

10. Problema da morte de certo paterfamilias. Certo paterfamilias morreu, deixando sua mulher grávida e um patrimônio de 960 sólidos. E deixou disposto que se nascesse um menino, ele deveria receber 9 onças (1 onça = 1/12) e a mãe, 3 onças. Se nascesse menina, ela deveria receber 7 onças e a mãe 5. E aconteceu que ela deu à luz gêmeos: um menino e uma menina. Resolva, quem puder, quanto recebeu a mãe, quanto o filho, quanto a filha.

R.: Somando 9 com 3 dá 12, do mesmo modo que 7 com 5 também dá 12. Assim, 12 com 12 dá 24 (que é 2 libras ou 40 sólidos). 40 sólidos é a 24ª parte de 960 sólidos. O filho recebe 9 partes, isto é, 360. A mãe recebe 3 partes por conta do filho e 5 pela filha, total de 8 partes, ou seja 320 sólidos. E a filha recebe 7 partes, ou seja, 280 sólidos (... seguem-se os cálculos para libras etc.).

11. Outro problema de paterfamilias (em Pseudo-Alcuíno). Certo paterfamilias tinha 100 dependentes, a quem mandou distribuir 100 medidas de provisões do seguinte modo: que os homens recebessem 3 medidas; as mulheres, 2; e as crianças, meia. Diga, quem for capaz, quantos homens, mulheres e crianças eram?

R.: 11 vezes 3, dá 33; 15 vezes 2, 30; 74 vezes meio, 37. 11 mais 15 mais 74 é 100; e, do mesmo modo, 33 mais 30 mais 37.

12. Problema da tela: Tenho uma tela de 100 cúbitos de comprimento e de 80 de largura. Quero fazer telinhas de 5 por 4. Diga pois, ó sabido, quantas telinhas posso fazer?

R.: De 400, 5 é a octogésima parte e 4, a centésima parte. Seja 80 multiplicado por 5, ou 100 por 4, sempre encontrar-se-á 400.

### Comentários aos problemas

Problema 1. A divisão é sempre encarada indiretamente: uma multiplicação às avessas. Assim, dividir 90.000 por 365 é verificar quantos 365 perfazem 90.000. No caso, pode-se começar testando:

100	X 365 =	36500
+ 100	X 365 =	36500
+ 40	X 365 =	14600
+ 5	X 365 =	1825
+ 1	X 365 =	365
-----	-----	

246                      89.790 e resto 210 dias                      Portanto, são 246 anos e 210 dias.

Problema 4. Ao contrário do que possa parecer, calcular  $2^{30}$  no ábaco – a calculadora da época – é rápido e fácil (cerca de 3 minutos). A resposta a este problema – como também ao problema 1 – surpreenderia os alunos, que intuitivamente esperariam resultado bem menor.

Problema 9. Este problema, como os demais (ver comentário ao problema 11), era resolvido sem equações, incógnitas, etc., recursos desconhecidos na época, mas por processos de tentativa.

Problema 11. Este problema, se resolvido hoje com sistema de equações, facilmente leva a diversas respostas (e não à única: 11, 15, 74).

## Diálogo entre Mestre Alcuíno e seu aluno Pepino

Alcuíno de York

(trad. e notas - Jean Lauand)

### Nota introdutória

Na Primeira Idade Média a cultura se refugiou nos mosteiros, mas houve outras iniciativas, como a Escola Palatina de Carlos Magno, onde pontificava Alcuíno de York. Alcuíno era um grande mestre. E mesmo sendo o homem mais culto de seu tempo não vê inconveniente em ensinar com problemas jocosos e adivinhas. Na época – que tanto cultivou essas brincadeiras –, as adivinhas tinham, além do caráter jocoso, uma função pedagógica: a de “aguçar a inteligência dos jovens”. As duas coisas andavam juntas: deve-se ensinar divertindo, diz Alcuíno a Carlos Magno<sup>2</sup>.

O diálogo, cujos trechos apresentamos a seguir, é a *Disputatio*<sup>3</sup> (discussão) entre o mestre Alcuíno e o segundo filho de Carlos Magno, o jovem Pepino. Quando Alcuíno em 781 – a pedido de Carlos Magno –, encarrega-se da Escola Palatina, tem já 50 anos de idade, enquanto Pepino, apenas cinco.

Pelo próprio texto da *Disputatio*, pode-se supor que Alcuíno fosse oficialmente o preceptor de Pepino, o que teria ocorrido durante a primeira estada de Alcuíno junto a Carlos Magno (781-790). Trata-se, portanto, de um diálogo em que um garoto de doze ou treze anos, faz perguntas ao mestre ancião a respeito de tudo: do homem e do mundo; da vida e da morte.

Nas respostas de Alcuíno, encontramos toda uma visão de mundo da época, "*une sorte de digest d'une grandeur étonnante*", mais preocupado com a verdade do que com a forma literária<sup>4</sup>. E, por isso, belo! Comovente! Um testemunho – datado de 1200 anos – da profunda identidade do homem de todos os tempos, pois no século VIII, como hoje: "a esperança é sonhar acordado (falas 159-160); a amizade, a igualdade das almas (164); a fé, a certeza das coisas que não vemos (166); os olhos, os indicadores da alma (44) e o homem..., uma candeia ao vento (20)". E a terra continua sendo a mãe de todos (e a que a todos devora... (108)); o homem, um caminhante passageiro, sempre hóspede, onde quer que se encontre (16) e a liberdade do homem, a sua inocência (32). Na formulação dessas verdades permanentes, esconde-se qualquer coisa de encantador, talvez pelo fato de serem dirigidas a uma criança, e há doze séculos; ou talvez pela concisão das respostas que vão direto ao essencial.

Mas, nem tudo é identidade e permanência. Igualmente maravilhoso é o contato com as diferenças, sobretudo com a imaginação que colore de magia o realismo medieval. E Alcuíno nos dirá que os dentes são moinho de morder (54); o navio, um viajante que não deixa rastro (148) etc.

De especial interesse no texto, são as adivinhas (no total, 22) que se insinuam nas falas 155-160 e, explicitamente, são propostas de 168 até o fim. São enigmas do mesmo tipo dos que, ainda hoje, divertem crianças e adultos.

Das adivinhas propostas, algumas têm solução explícita no próprio texto. A solução de algumas outras, obtivemos nas *Collectiones Aenigmatum* – CCL 133 e 133A. Esses volumes recolhem enigmas da era merovíngia e alguns deles são retomados por

---

<sup>2</sup> Epístola 101, in *PL* 100, 314, C.

<sup>3</sup> *Pippini regalis et nobilissimi juvenis disputatio cum Albino scholastico*, *PL* 101, 975-980. Cf. D. Andreae Quercetani *Praefatio ad Beatum Alcuinum*; *PL* 100, 116, B.

<sup>4</sup> SABATIER, R. "Un dialogue sous Charlemagne" *La Table Ronde*, 112, abr. 1957, p. 66.

Alcuíno: 184/piolhos, caçar piolhos (Cf. CCL 133A, p. 651); 186/ovo<sup>5</sup>; 188/eco<sup>6</sup>; 190/o peixe no rio (Cf. CCL 133A, p. 633); 192/sonho (o que se vê no sonho) (Cf. CCL 133A, p. 720); 202/flecha (Cf. CCL 133A, p. 686).

A adivinha proposta em 178 tem por solução: pergaminho (o pergaminho só fica bem se a pele de ovelha for preparada em varal). E em 182, a isca (morto) com seu riso (anzol) atrai o vivo (peixe) para a morte.

Já para a adivinha que se propõe em 198, tivemos de recorrer aos *Ioca Monachorum*, publicados em PLS 4. A solução é: Adão, homônimo da terra, não nasceu e morreu uma única vez<sup>7</sup>. A sua inicial A é a letra nº 1 do alfabeto. Elias - homônimo de Deus - nasceu, mas não morreu (cf. II Sam 2) e sua inicial E é a letra nº 5. E Lázaro, ressuscitado por Cristo, morreu duas vezes (Cf. PLS 4, 931), e é homônimo do mendigo da parábola. Sua letra L é a de nº. 12. O enigma proposto em 196 é um trocadilho com a palavra latina *caput* (cabeça ou cabeceira da cama).

Finalmente, para se entender o que se propõe em 194, é preciso lembrar que se cultivava muito, na época, a *loquela digitorum*, a representação de números pela flexão dos dedos. O dedo mínimo é o que faz o 7; o anular, o 6; ambos, o 8. De tal modo que, se do 8 tirarmos 7 (isto é, o dedo que faz o 7) fica 6<sup>8</sup>.

Não quero concluir esta apresentação, sem fazer notar que o último enigma que Alcuíno propõe ao jovem (o do mensageiro mudo) complementa-se com um outro, enviado pelo mestre a Carlos Magno: "Queres saber, ó viandante, como pode o poeta viver após a morte? Nisto que tu lês, sou eu que falo; tua voz, neste momento, é a minha" (PL 101, 802B). E que a última fala que nos traz o mudo mensageiro da *disputatio*, aplique-se também ao leitor: *Lege feliciter!*

## Texto - O Diálogo entre Alcuíno e Pepino

P.: O que é a escrita?

A.: O guarda da história.

P.: O que é a palavra?

A.: A delatora dos segredos da alma.

5 P.: Quem gera a palavra?

---

<sup>5</sup> O ovo "nasce" e só então "gera" o pintinho. Cf. CCL 133A, p. 554 ("Eu [o ovo] sou a mãe que não posso conceber (o pintinho) a não ser que permaneça virgem" etc.); CCL 133, p. 248 e CCL 133A, p. 635 (*De ovo, De pullo e Pullus in ovo* resp.).

<sup>6</sup> Cf. CCL 133A, p. 719. A resposta de Pepino é mais enigmática que a pergunta.

<sup>7</sup> Nos antiquíssimos *Ioca Monachorum* encontram-se as raízes desta e de outras adivinhas que subsistem até hoje. Na nossa poesia tradicional sertaneja, aparece algo semelhante: "Um homem houve no mundo (Abel) / Que sem ter culpa morreu / Nasceu primeiro que o pai (Adão não nasceu - nota nossa) / Sua mãe nunca nasceu / Sua avó esteve virgem (A terra, da qual Adão foi feito - nota nossa) / Até que o neto morreu" (*apud* CÂMARA CASCUDO, Luís *Vaqueiros e Cantadores*, Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1968, p. 165). E explica o folclorista: "A avó é a terra que foi violada pela primeira sepultura (a de Abel)". Ora, nos *Ioca Monachorum*, lemos: "Quem morreu e não nasceu? – Adão" "Quem deflorou a própria avó? – Abel" (PLS 4, 928).

<sup>8</sup> Para uma ilustração da *loquela digitorum*, ver QUACQUARELLI, A. "Al margine dell'actio: la loquela digitorum" *Vetera Christianorum*, ano 7, 1970, fasc. 1.

A.: A língua.

P.: O que é a língua?

A.: O chicote do ar.

P.: O que é o ar?

**10** A.: O guarda da vida.

P.: O que é a vida?

A.: A alegria dos ditosos, aflição dos miseráveis, espera da morte.

P.: O que é a morte?

A.: Um fato inevitável, uma incerta peregrinação, lágrimas dos vivos, confirmação dos testamentos, ladrão do homem<sup>9</sup>.

**15** P.: Que é o homem?

A.: Servo da morte, caminhante passageiro, sempre um hóspede em qualquer lugar.

P.: A que é semelhante o homem?

A.: A um fruto<sup>10</sup>.

P.: Qual a condição humana?

**20** A.: A de uma candeia ao vento.

P.: Como está ele situado?

A.: Dentro de seis paredes.

P.: Quais?

A.: Acima, abaixo; diante, detrás; direita e esquerda.

**25** P.: De quantos modos ele é variável?

A.: De seis modos.

P.: Quais?

A.: Pela fome e saciedade; pelo repouso e trabalho; pela vigília e sono.

P.: O que é o sono?

**30** A.: Imagem da morte.

P.: O que é a liberdade do homem?

A.: A sua inocência.

P.: O que é a cabeça?

A.: O cimo do corpo.

**35** P.: O que é o corpo?

A.: A morada da alma.

P.: O que é a cabeleira?

A.: A veste da cabeça.

P.: O que é a barba?

---

<sup>9</sup> Cf. Heb 9, 15-17.

<sup>10</sup> Há, no original, um jogo de palavras: *homo-pomo*.

**40** A.: Distinção do sexo, honra da idade.

P.: O que é o cérebro?

A.: O conservador da memória.

P.: O que são os olhos?

A.: Os guias do corpo, recipientes de luz, indicadores da alma.

(...)

**125** P.: O que é a primavera?

A.: A pintora da terra.

P.: O que é o verão?

A.: O revestir da terra, o sazonalimento do que germina.

P.: O que é o outono?

**130** A.: O celeiro do ano.

P.: O que é o ano?

A.: A quadriga do mundo.

P.: E quem a conduz?

A.: A noite e o dia, o frio e o calor.

**135** P.: E quem dirige as rédeas?

A.: O sol e a lua.

P.: Quantos são seus palácios?

A.: Doze.

P.: Quem são os governantes dos palácios?

**140** A.: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

P.: Quantos dias ficam morando em cada palácio?

A.: O sol, 30 dias e 10 horas e meia; a lua, 2 dias, 8 horas e 2/3 de hora.

P.: Mestre, tenho medo de ir ao alto!

A.: Quem te trouxe para o alto?

**145** P.: A curiosidade.

A.: Se tens medo, descerei. Eu te seguirei aonde quer que vás.

P.: Se eu soubesse o que é um navio, prepararia um para ti, para que viesses a mim.

A.: Um navio é uma casa errante, é hospedaria em qualquer parte, um viajante que não deixa pegadas, um vizinho da areia.

P.: O que é a areia?

**150** A.: O muro da terra.

P.: O que são as ervas?

A.: A veste da terra.

P.: O que são os legumes?

A.: Os amigos dos médicos, o louvor dos cozinheiros.

**155** P.: O que é que faz doce o amargo?

A.: A fome.

P.: O que é que faz com que o homem não se canse?

A.: O lucro.

P.: O que é o sonho dos acordados?<sup>11</sup>

**160** A.: A esperança.

P.: O que é a esperança?

A.: Refrigério nos trabalhos; evento incerto.

P.: O que é a amizade?

A.: A igualdade das almas; a igualdade dos amigos.

**165** P.: O que é a fé?

A.: A certeza das coisas não sabidas e admiráveis.

P.: O que é admirável?<sup>12</sup>

A.: Agora há pouco, vi um homem, em pé, que nunca existiu, um morto andando.

P.: Desvenda-me como pode ser isso.

**170** A.: A imagem refletida na água.

P.: Como é que eu, tendo tantas vezes visto isso, não o entendi por mim mesmo?

A.: Já que és um bom rapaz e dotado de natural engenhosidade, vou te propor mais algumas "admiráveis"; provarás se, por ti mesmo, podes adivinhá-las.

P.: Sim e se eu errar, tu me corrigirás.

A.: Farei como desejas. Um desconhecido, sem língua e sem voz, falou comigo; ele nunca existiu, nem existirá. É alguém que não conheço e nem ouviria.

**175** P.: Acaso um sonho te importunou, mestre?

A.: Sim, filho, acertaste. Ouve esta agora: vi mortos gerarem um vivo e o hálito do vivo consumiu os mortos.

P.: Esfregando-se galhos secos, nasce o fogo que consome os galhos.

A.: Acertaste. Ouvi mortos falando muitas coisas.

P.: Nunca falaram bem, a não ser quando suspensos no ar.

**180** A.: É, é verdade. E eu vi o fogo não apagado repousar na água.

P.: Tu te referes ao sílex, parece-me.

A.: É, é isso mesmo! Vi um morto sentado sobre um vivo e no riso do morto, morreu o vivo.

P.: Isto sabem nossos cozinheiros.

---

<sup>11</sup> "Louvo aquele que disse que as esperanças são os sonhos dos acordados", diz também ANTONIUS MELISSA PG 136, 788C. A formulação é atribuída a Aristóteles (DIÓGENES LAÉRCIO, *De vitis phil.*, 1.5, I, 11, 18).

<sup>12</sup> *Mirum*, admirável, designa também adivinha.

A.: Mas, psst!, põe teu dedo sobre a boca; não aconteça que os meninos ouçam o que é. Fui eu com outros a uma caçada, na qual o que apanhamos não trouxemos conosco e o que não pudemos caçar, sim, trouxemos conosco.

**185** P.: É a caçada dos camponeses, não é?

A.: É. Vi o que nasceu, antes de ser concebido.

P.: Viste e talvez comeste.

A.: Comi. O que é o que não é e tem nome e responde a quem faz barulho?

P.: Pergunta aos papiros na floresta.

**190** A.: Vi um morador correndo junto com sua casa; ele calava, mas ela fazia barulho.

P.: Prepara-me uma rede e eu to mostrarei.

A.: Quem é o que não podes ver, senão de olhos fechados?

P.: O que dorme profundamente indicar-te-á.

A.: Vi um homem com oito na mão; de oito, tirou sete e ficou com seis.

**195** P.: As crianças, na escola, sabem isso.

A.: O que é que sem cabeça fica maior?

P.: Vai a tua cama e descobrirás.

A.: Eram três: um, nunca nasceu e morreu uma vez; outro, nasceu uma vez e nunca morreu; o terceiro, nasceu uma vez e duas vezes morreu.

P.: O primeiro é homônimo da terra; o segundo, do meu Deus; o terceiro, do homem pobre.

**200** A.: Dize as iniciais dos nomes.

P.: 1, 5 e 12.

A.: Vi uma mulher voando, ela tem o bico de ferro, o corpo de madeira, a cauda emplumada e é portadora da morte.

P.: É a companheira dos soldados.

A.: Que é o soldado?

**205** P.: A muralha do Império, o pavor do inimigo, um serviço glorioso.

A.: O que é que é e que não é?

P.: O nada.

A.: E como pode ser e não ser?

P.: É enquanto palavra; não é, enquanto realidade.

**210** A.: Quem é o mensageiro mudo?

P.: O que tenho aqui comigo.

A.: O que tens aí contigo?

P.: Uma carta tua.

A.: Que a leias com proveito, filho.

Recebido para publicação em 08-05-18; aceito em 10-06-18